

QUANDO O PROJETO DE VIDA É SOBREVIVER GONÇALVES, Nágela¹

¹ PPFH/UERJ. nsggeo@yahoo.com.br

Palavra-chave: escola, adolescentes, violência

Neste artigo, minha análise microfísica das violências na escola é realizada através do relato de situações que me atravessaram ao longo destes anos como professora da rede pública municipal. Portanto, esta pesquisa concede espaço para a subjetividade do pesquisador no processo de interpretação das situações com as quais se defronta; sentimentos e impressões fazem parte dos registros. Para Malaguti (2010), no Brasil tem sido difícil pensar a juventude fora do paradigma da segurança pública e por este motivo, esta faixa etária seria o alvo preferencial das governamentalidades. Para a autora, os projetos dirigidos à juventude precisam ser pensados à luz das transformações econômicas, políticas e culturais do mundo pós-industrial. Do contrário, as ações terminam colocando a juventude no lugar de população de risco. O aumento da violência, assim como dos investimentos direcionados a seu combate, sem que haja o aprofundamento de debates acerca das origens dos conflitos sociais, traz à tona a suspeita de que, para o Estado brasileiro, o projeto para a juventude periférica é "a prisão ou a vala".

Nos anos em que trabalhei nos bairros do Caju e da Mangueira (consideradas áreas favelizadas da cidade) pude constatar que praticamente todos os alunos ou responsáveis com quem eu conversava relatavam possuir algum familiar na prisão. Não mais raros eram os relatos de alunos e ex-alunos assassinados em conflitos relacionadas ao tráfico de drogas. É muito sofrido perceber que a prisão e a morte estão mais próximas dos meus alunos que as universidades. Durante os dias de operação policial, o desespero toma conta da escola, pois é comum os estudantes receberem a notícia de que algum familiar foi morto ou ferido. Segundo o Atlas da Violência, produzido em pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no ano de 2023, 34% das mortes de jovens (entre 15 e 29 anos) no país foram classificadas como homicídios. Considerando todos os assassinatos no Brasil naquele ano, 47,8% (21.856) tiveram vítimas nessa faixa etária, o que corresponde a uma média de 60 jovens mortos violentamente por dia no país. Para Malaguti (2010), o controle social penal da juventude popular tem sido uma permanência histórica da sociedade brasileira, "da conversão dos índiozinhos à criminalização do funk". Segundo a autora, para trabalhar a violência relacionada à juventude no Brasil contemporâneo, é preciso recorrer ao que foi denominado pela criminologia crítica como *processo de criminalização*, entendido como um dispositivo para gerenciar as ilegalidades populares

